

# CADERNOS DE SION

## VOLUME 5, NÚMERO 1

### ORGANIZADORES

Prof. Dr. Vlademir Lúcio Ramos

### APRESENTAÇÃO

Caros leitores!

É com grande satisfação que trazemos a público mais uma edição da **Revista Cadernos de Sion**, publicação semestral do Centro Cristão de Estudos Judaicos - CCDEJ, mantido pelo Instituto Theodoro Ratisbonne. É objetivo do CCDEJ desenvolver e publicar pesquisas no campo da Teologia e do diálogo cristão-judaico, valorizando o vínculo do cristianismo com a tradição judaica. Assim, com esse volume, vamos consolidando nosso compromisso de destacar e promover o avanço do conhecimento no campo da Teologia com abordagem da tradição judaica. Neste sentido, buscamos compartilhar estudos e pesquisas, construindo redes de interlocução entre os autores e todos os que se interessem pela temática que abordamos aqui.

Queremos, particularmente, agradecer ao organizador Prof. Dr. Vlademir Lúcio Ramos, aos autores e autoras e a todos que colaboraram para a concretização dessa edição, resultado de esforço e trabalho coletivo. Esse volume apresenta o seguinte dossiê: Levando-se em consideração o diálogo entre o texto bíblico Mt 23,8, as reflexões do Papa Francisco na Encíclica Fratelli Tutti e o tema da Campanha da Fraternidade 2024, reconhecendo que somos todos irmãos e irmãs, por vontade de Deus, convida pesquisadores do campo da Teologia e áreas afins a publicar artigos que reflitam e apontem reflexões e questionamentos sobre o papel da fraternidade e da conversão à amizade social, no contexto do cristianismo neste tempo, na expectativa de suscitar uma vivência teológico-cristã autêntica. A fraternidade tem origem e reconhecimento na paternidade de Deus, que nos torna todos irmãos e irmãs, reunidos em um único Pai. Esta é uma maneira de relação que visa ao bem recíproco de todas as pessoas, sem nada perder de si e sem nada tirar uns dos outros. O

dossiê privilegia, portanto, artigos que contemplem a temática em tela, mas que, sobretudo, explicitem que, na relação entre Deus e o ser humano existe reciprocidade, não troca nem comando, mas liberdade. Por isso, cabe a cada um de nós reconhecer a dignidade de cada pessoa humana, e fazermos renascer, entre todos e todas, um anseio mundial de fraternidade. Segue uma apresentação de cada um dos artigos:

O primeiro artigo, *Fraternidade: quando nos importamos de fato? Quando rainhas no harém podem nos ajudar a responder?* os autores **Elca Rubinstein e Fernando Gross** discutem como as minorias no Brasil são tratadas? Como elas se mexem? A solidariedade e fraternidade são discursos teóricos ou não? O que precisa acontecer para que se tornem viáveis, realidade concreta na vida das pessoas? Algumas dessas minorias se isolam e se mantêm fechadas para a uma convivência ser suportável; outras conseguem se inserir, outras colocam máscaras, mas quando aparecem as ameaças surgem do aparente refúgio e tornam-se visíveis à sociedade. As Rainhas Vasti e Ester podem, como mulheres que viveram subjugadas num Harém Persa, ajudar nessa reflexão, porque quando a minoria judaica foi ameaçada, ela acordou. Não como vitimização, mas capazes de adquirir cidadania, respeito e melhores convivências.

Em seguida, no artigo *A amizade nas perspectivas do Primeiro e do Segundo testamentos: Uma análise de textos – Prov 17, Eclo 6, e Jo 15,15*, **Marivan Soares Ramos e Emerson Cardoso Faustino Ribeiro** observam o conceito de amizade dentro de textos selecionados do Primeiro e do Segundo Testamentos, fazendo uma leitura analítica do contexto histórico na época dos escritos e uma interpretação da intenção dos autores na transmissão para as comunidades posteriores. Considerando as análises exegéticas de autores contemporâneos, Ramos e Ribeiro procuram estabelecer relações entre as passagens escolhidas – Provérbios 17,17; Sirácida 6,14-17 e João 15,15 – e suas implicações para a vida cotidiana e as relações sociais, conforme a Campanha da Fraternidade de 2024, que foi proposta pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), juntamente com a encíclica papal *Fratelli Tutti*.

**Hugo Allan Matos**, em *A fraternidade é o bastante?* apresenta a irmandade em Cristo dentre os cristãos, o que justificaria por si uma fraternidade entre eles. Contudo, o Evangelho tem sua destinação não apenas à comunidade cristã, mas a toda humanidade. Assim, a questão da

fraternidade coloca-nos uma dúvida e um desafio: é possível estendê-la a toda humanidade, de forma aberta? É um desafio porque a própria origem da palavra sendo latina, exclui-a da pertença ao Evangelho. Depois, porque muitos usos atuais dela no meio cristão, de Papa Francisco, por exemplo, parecem trair esta origem e apontar a algo mais profundo e que direciona para outros conceitos. O objetivo deste texto é trazer esta reflexão, questionando-nos se a fraternidade é o bastante.

No artigo intitulado Jesus: o Messias da amizade social, **Jessé Evangelista Guimarães** faz uma reflexão suscinta sobre as esperanças messiânicas populares judaicas do primeiro século d. C. Verifica que Jesus de Nazaré rompe com o protótipo de messias, cuja figura assentava-se no Rei Davi – guerreiro ungido –, e inaugura um novo movimento baseado no amor e na fraternidade. Traz, também, as reflexões do Papa Francisco, em sua Carta Encíclica Fratelli Tutti, que visam à construção de um mundo mais unido, onde se possa superar os desafios que dividem os seres humanos, tornando-os mais sensíveis à dignidade humana e reconhecendo o outro como irmão. Pontua algumas passagens dos Evangelhos que exemplificam, com os ensinamentos e a prática de Jesus, o conceito de amizade social.

Já no artigo Fraternidade e justiça social: uma abordagem bíblica, **José Amarante** analisa três cenas do texto bíblico que focalizam a interação entre irmãos – Caim e Abel, Esaú e Jacó e José e seus irmãos – que, quando lidas em arco, oferecem uma visão sobre a evolução da relação e podem trazer alguns ensinamentos sobre a fraternidade. Analisa-se, ainda a palavra paz em hebraico, de onde se pode perceber o caráter dinâmico, não estático, da Paz. Para isso, Amarante selecionou algumas leis e preceitos da Torá – o Pentateuco – sobre a Justiça Social. E conclui com o estabelecimento da conexão da Fraternidade com a Justiça social, como processos que envolvem o dinamismo da construção da Paz.

**Luciano José Dias**, no artigo O ser humano, um ser social, discute que ao longo das eras, de diversas formas e diversas ciências, tem-se dirigido estudos que analisam o ser humano tanto em sua individualidade, como em sua capacidade de socialização. A conclusão desses estudos, apontam que o ser humano, possui uma natureza sociável e uma inerente necessidade de interação e conexão com seus semelhantes. Desde sempre, os seres humanos vivido em grupos, formando comunidades para compartilhar recursos, garantir proteção mútua e satisfazer necessidades

emocionais e físicas. A habilidade de comunicar, cooperar e colaborar é essencial para desenvolvimento e sobrevivência do ser humano como espécie. Além disso, as relações sociais desempenham um papel vital no desenvolvimento emocional, cognitivo e psicológico, moldando crenças, valores e comportamentos. Um movimento contrário a esse, pode ser observado no crescente individualismo que tem sido experimentado pela sociedade atualmente. Isso nos leva a perceber a importância crucial de estabelecer conexões sem perder de vista nossas características individuais. Equilibrar essa dicotomia é essencial para uma jornada individualizada dentro de um contexto coletivista.

O artigo *Irmãos e irmãs: explorando o tema da salvação universal no evangelho segundo Lucas*, **Vamberto Marinho de Arruda Junior** analisa as interações de Jesus com grupos marginalizados e vulneráveis no Evangelho de Lucas. Observa-se o foco universal de salvação em sua mensagem, desafiando normas sociais, ao incluir coxos, cegos, leprosos, mulheres, pecadores, publicanos, samaritanos, gentios, pobres e desfavorecidos. As curas e interações não apenas demonstram poder divino, mas também a intenção de Jesus em oferecer dignidade e esperança aos marginalizados. A abordagem inclusiva se estende aos fariseus, mostrando a importância da compaixão e justiça divinas para todos. O estudo destaca a mensagem de igualdade e fraternidade entre todos os seres humanos, enfatizando a responsabilidade de cuidar dos marginalizados. Como discípulos de Jesus, somos chamados a agir em solidariedade com os desfavorecidos, reconhecendo nossa humanidade comum e transformando vidas com compaixão e inclusão.

O último artigo dessa edição intitulado *Alianças, Fé e Lei: o uso da Escritura na Epístola aos Gálatas*, **Waldecir Gonzaga e Ygor Almeida de Carvalho Silva** analisam o uso de referências ao Antigo Testamento (AT) na Epístola de Paulo aos Gálatas, segundo os critérios de Hays e as orientações de Beale. Constataram que Paulo utiliza muito as Escrituras Sagradas de Israel em seu escrito e, por isso, verificam quais textos veterotestamentários são utilizados por Paulo, como são referenciados e a quais as fontes o apóstolo recorre. Também se busca entender em que sentido Paulo aborda a lei de Deus de forma negativa, analisando a maneira como ele mesmo interpretou as passagens que usa do AT. Quase a totalidade de sua base argumentativa para a justificação pela graça, recebida pela fé, Paulo extrai das Escrituras Sagradas de Israel, textos ao

quais se apegavam seus oponentes. O artigo se encerra, abrindo perspectivas profícuas para avanço desse estudo.

Na seção Resenha, **George Matheus Costelletos Braga dos Santos**, religioso da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, dedica-se a resenhar o livro **A Ética de Cristo** de José M. Castillo, que oferece uma abordagem lúcida, elucidativa e solidamente fundamentada sobre os princípios éticos fundamentais que norteiam os preceitos e as pregações do Cristo, como o amor incondicional e a compaixão pelo próximo, a busca incansável pela justiça social, a prática constante da solidariedade e da generosidade para com o semelhante, bem como a honestidade e a integridade como valores morais inegociáveis, os quais são sabiamente apontados como alicerces essenciais para uma existência ética plenamente realizada.

Ainda na seção Resenha, **Davi Vital Carvalho de Almeida**, leigo, graduando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo resenha o livro **Só o Amor é Digno de Fé** foi publicado em 1963 pelo teólogo suíço Hans Urs Von Balthasar. Um dos pontos focais do trabalho teológico de Balthasar foi entender questões que envolvem a modernidade e buscar as respectivas respostas para essas questões nas Sagradas Escrituras. Nunca desprezava os conceitos modernos, apenas procurava examiná-los no intuito de que pudesse realizar uma abordagem sensibilizada, levando-o a trabalhar não só com autores católicos, mas também protestantes como Karl Barth. É nesse ambiente teológico, que o autor escreve suas obras, entre elas **Só o Amor e digno de Fé**, objeto dessa resenha.

Mais uma vez, agradecemos a todos e todas que se dispuseram a colaborar para a publicação de mais esse volume de Cadernos de Sion, na expectativa de que os temas aqui tratados suscitem interesse acadêmico por outros estudos na área da Teologia judaico-cristã.

Excelente leitura.

**Prof. Dr. Pe. Donizete Luiz Ribeiro**  
**Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento**

Editores responsáveis